

De mãos dadas no caminho

os laços entre pais e filhos

Koichi Kimura



 Editora Satry

De mãos dadas no caminho

os laços entre pais e filhos

Koichi Kimura

Tradução
Diogo Kaupatez



1

Com uma refeição humilde, celebrava o dia de maior angústia da mãe

O aniversário de Mitsukuni

No dia do aniversário, Mitsukuni Tokugawa¹ se alimentava de modo frugal. Contudo, por se tratar de evento pontual, era comum o encarregado cometer gafe.

— Qual a razão de tamanho banquete?!

— É para comemorar seu nascimento, senhor. Foram selecionados pargos vivos do porto de Naka e, como acompanhamento, arroz cozido com feijão azuki. Trata-se de uma ocasião auspiciosa!

1 Mitsukuni Tokugawa (1628-1700): segundo daimiô do feudo de Mito, figura influente na política na metade do período Edo (1603-1868). Terceiro filho de Yorifusa Tokugawa e neto de Ieyasu Tokugawa.

— Ah, vocês se esqueceram de novo. Neste dia, basta uma tigela com mingau e ameixas em conserva.

— Sim, senhor. Claro, senhor — e o serviçal apressou-se em retirar as bandejas.

Depois que a mãe de Mitsukuni, Hisako, falecera, todos os anos o daimiô se alimentava de mingau de arroz e ameixas em conserva em seu aniversário. A refeição evocava a figura da mãe no *sanjoku*², imagem acima de qualquer festividade.

Aos poucos, o amor de Mitsukuni pela mãe preencheu o coração de cada servo e o lapso não tornou a se repetir.³

Aprofundemo-nos.

Uma possível resposta para aqueles que o interrogassem seria:

— O aniversário é a celebração do nascimento neste mundo. Porém, foi esse o dia em que mais fiz minha mãe sofrer. Quando penso nisso, não sinto desejo de nada sofisticado. Mesmo que somente uma vez ao ano, gostaria de demonstrar a gratidão que sinto por meio de uma refeição singela.

Da concepção ao nascimento, quanto sofrimento infligimos à nossa mãe? Impossível saber. As dores do parto, a amamentação — de dia ou de noite — e, agora, hei-nos aqui, vivos. O carinho e a devoção dedicados a nós, embora fôssemos muito pequenos para os retermos na memória, foram incalculáveis.

2 Leito utilizado por parturientes no momento e nas semanas seguintes ao parto.

3 Eiji Yoshikawa, *Mito Kômon – Umesato sensei gyôjôki*.

Segundo um antigo poema:

*Muitos ignoram:
para o filho nascer,
coube à mãe sofrer.*

2

Três décadas em busca do filho

A origem do cedro de Rôben

Aconteceu há 1.300 anos, durante o período Nara⁴. A plantação de chá ficava em Shiga, às margens do lago Biwa. Sob um céu azul sereno, as mulheres se divertiam assistindo à colheita enquanto distraíam as crianças de colo.

De repente, um som agudo. Com uma rajada de vento, uma grande águia mergulhou das alturas, agarrou um dos bebês e alçou voo. Entre lágrimas, a mãe gritou para o céu:

— Mitsumaru! Devolva meu Mitsumaru!

4 710-794.

Atravessou o campo aos brados, mas em vão: seu filho se dissipara nas nuvens.

— Espera, Mitsumaru, que mamãe irá salvá-lo!

Depois que seu marido falecera, sua única alegria na vida era acompanhar o crescimento do filho. Desesperada, ela saiu de casa em uma busca aleatória.

— Por favor, você sabe do Mitsumaru? É o meu bebê, ele foi sequestrado por uma águia. Um bebê bonito.

— Minha senhora, lamento dizer, mas seu filho já deve estar morto — respondiam. Porém ela não se conformava.

— Ele vive, eu sei. Posso escutar seu choro. Ele sente falta da mãe.

Durante três décadas, percorreu o país a pé em busca do filho. Certa vez, vislumbrara seu reflexo no espelho de um rio e ficou atônita. Os cabelos eram neve; as rugas, vales profundos; e o rosto, um deserto árido.

— Ah, lá se foram trinta anos! As chances de Mitsumaru viver são mínimas. Melhor retornar e celebrar um ofício por sua alma.

Como se despertasse de um sonho, tomou a balsa de regresso para casa. Durante o percurso, calhou de escutar a conversa de alguns passageiros.

— Hoje em dia não existe sacerdote mais admirado que Rôben⁵, prelado do templo Tōdai.

— É verdade que nasceu de um cedro?

5 Rôben (689-773): monge da seita budista Kegon.

— Não. Ao que parece, uma águia o raptou quando ainda era bebê e o transportou até o cedro do templo. Um monge escutou seu choro e o salvou. Sorte, pois mais um pouco e teria sido devorado.

O impacto da notícia atingiu o peito da mãe com a força de mil trovões.

— Mitsumaru?...

Naquele instante seu coração já não estava mais na balsa, e sim em Nara.

Afinal se encontrava diante do grande portão de entrada do templo.

— Trata-se de um local frequentado pela alta nobreza. Meu filho, o prelado?...

A imponência do local a intimidara, e uma parte sua queria desistir. Juntou coragem, porém, e pediu a um monge que passava:

— Por favor, é possível agendar um encontro com Rôben?

— Mas trata-se de um homem muito importante! Mesmo nós raramente temos oportunidade de nos aproximarmos dele. Desculpe, minha senhora. Sua classe social... Simplesmente não será possível — respondeu seco. No entanto, os apelos e as lágrimas o renderam:

— Todos os dias, o prelado passa diante do grande cedro. Escreva uma mensagem e pendure na árvore. Ele certamente a lerá.

Diante do cedro, Rôben apeou da liteira. Vestia roupas escarlates, percebeu sua mãe que acompanhava a cena ao longe.

— Na qualidade de ser humano nascido neste mundo, tudo devo aos meus pais. Mas onde estarão eles, a quem sou tão grato? Que pudesse encontrá-los uma vez que fosse... — murmurou para si. Nesse momento, percebeu o recado fixado na árvore.

— Procurem o autor deste bilhete! — ordenou ao séquito que o acompanhava.

— Não há ninguém nas redondezas, senhor, apenas aquela idosa miserável.

— Tragam-na aqui.

Timidamente, a mulher se aproximou. Rôben dirigiu-se a ela de modo gentil:

— A senhora porventura viu a pessoa que colocou este bilhete na árvore?

— Senhor prelado, bem... fui eu.

— Eu também fui raptado por uma águia quando pequeno! Por favor, conte-me sua história.

A mulher relatou como, durante três décadas, caminhou pelo país à procura do filho. Os presentes ficaram com os olhos rasos d'água por tamanho amor materno.

— Haveria algo em sua posse que corroborasse o relato? — perguntou Rôben. A mulher meneou a cabeça.

— Não, nada. Nas roupas do bebê havia uma bolsinha de brocado, um presente do daimiô ao meu marido. Mas, fora isso...

— Ah! — exclamou Rôben, tirando dos pertences uma pequena bolsa cuidadosamente guardada. — Porventura o brocado seria este?

— É ele! Não tenho dúvidas: é ele! Fui eu quem o costurei. Então o senhor é... Mitsumaruru!

— E a senhora é... minha mãe!

As lágrimas desceram dos rostos que se encaravam. Logo se enlaçaram em um abraço que esperou trinta anos para acontecer.

— Perdoe-me por tê-la feito sofrer tanto. Durante a jornada, quanta fome não passou? Quando não havia estalagens, você dormiu no relento, mãe? Só de imaginá-la enregelada nas montanhas, meu peito parece explodir. Por milagre, salvei-me e pude me tornar adulto. E durante todo esse tempo você não me esqueceu. Mesmo desconhecendo a sua dor, peço perdão — e ajoelhou-se, as mãos espalmadas no chão.

Com deferência, o séquito conduziu a mulher de liteira até o templo Tōdai.

Qual a dimensão do amor de uma mãe?

Até hoje, a peça *A origem do cedro de Rōben* é encenada nos palcos de cabúqui e do teatro de marionetes *bunraku*.

3

Deixei minha mãe preocupada. Fui ingrato e devo me desculpar

As lágrimas de Takamori Saigô⁶

Composta por samurais de baixa classe, a família Saigô era numerosa: o primogênito Takamori, seus seis irmãos, seus pais e seus avós. Onze, no total. Assim, levavam uma vida austera. Sua mãe costurava quimonos para fora e cultivava uma pequena horta de vegetais, ocasião em que ia para o campo e levava consigo as crianças. Desse modo, conseguia manter à tona as finanças da casa.

6 Takamori Saigô (1828-1877): personagem ativo no período Edo, em especial nos últimos anos do xogunato Tokugawa.

— Pobreza não é motivo de vergonha; vergonha é ser derrotado pela pobreza — dizia sempre aos filhos.

Aos 13 anos, Takamori Saigô já possuía grande força. No outono, arremessou longe um jovem que procurava briga. Mais tarde, o mesmo jovem obteve vingança nas cercanias do castelo, provocando um ferimento feio no braço direito de Saigô — que com uma toalha improvisou os primeiros socorros e foi para casa.

A noite chega cedo no outono e, de repente, estava escuro. À medida que se aproximava de casa, Saigô distinguiu uma silhueta parada na soleira da porta acompanhando sua chegada com atenção — era sua mãe, preocupada com a demora do filho. Para mascarar a ferida, Saigô caminhou devagar. Em vão: a mãe logo percebeu algo anormal em seu comportamento. Então ele pôs-se a chorar.

Dias depois, os amigos de Saigô invadiram seu quarto: era verdade que chorara feito garota? Se tivesse sido assim, as relações estariam rompidas. No feudo de Satsuma, os valores eram rígidos, e as maiores desgraças para um menino eram ganância, covardia e choro fácil.

— Sim, eu chorei — respondeu. — Mas não de dor ou porque sou mimado, nem por vergonha. Ao olhar o rosto de minha mãe, parada na escuridão à minha espera, percebi a preocupação que causei e o quanto fui ingrato. Então, do meu peito brotou um imenso remorso. As lágrimas foram inevitáveis.

Diariamente Saigô testemunhava as dificuldades vividas pela mãe. Sentia isso na pele. Por isso a consciência pesada se traduziu em lágrimas.

4

É íntimo dos amigos, mas mantém distância dos pais

A gratidão em *Lições para uma vida saudável*, de Ekiken Kaibara⁷

Se citássemos um *best-seller* sobre saúde — no caso, o termo mais adequado seria *long-seller* —, ele seria *Lições para uma vida saudável*, de Ekiken Kaibara. Publicado no período Edo, ele ainda se mantém atual trezentos anos depois.

De saúde frágil desde pequeno, Ekiken dedicou-se ao estudo da medicina chinesa e à pesquisa de métodos para manutenção do bem-estar. Sem acreditar cegamente na teoria, ele verificava a

7 Ekiken Kaibara (1630-1714): educador, estudioso de medicina chinesa e erudito do confucionismo no início do período Edo.

eficácia dos tratamentos no próprio corpo e reunia os métodos em conformidade com a compleição física do japonês. Aos 83 anos, compilou o trabalho de décadas e publicou *Lições para uma vida saudável*. Ekiken acreditava que os sentimentos influenciavam a saúde física, e sugeriu como devem ser as condutas de pais e filhos.

Observando o mundo percebi que, dentre os idosos sustentados pelos filhos, são numerosos os que se tornam rabugentos e que pouco fazem além de criticá-los e a todos ao redor. Além do mais, eles se tornam mais avarentos. A fim de preservar a saúde, evite a raiva e a mesquinhez. Não acuse seus filhos de ingratidão e seja tolerante. Procure manter o coração tranquilo e descontraído.

Para os filhos, é importante discernir o temperamento dos pais, evitando irritá-los, o que vai totalmente contra a conduta de gratidão. Aqueles repreendidos com frases como “Você é um mau filho!” se rebelam e espalham que seus pais estão senis. Este, sim, é um ato de rebeldia contra os pais.

Quando as pessoas envelhecem, a saúde deteriora e a solidão se torna insuportável. Vez ou outra, os filhos devem ir para junto dos pais e conversar trivialidades para alegrar seus corações. No entanto, muitos não têm paciência, evitam qualquer diálogo e acabam alijando-os de qualquer convívio, ao passo em que são íntimos dos amigos, da esposa e dos filhos. Amam os demais, mas não os próprios pais.

Manter-se distante dos pais, a quem devemos gratidão, é totalmente contra os princípios de boa conduta. Quanta insensatez.

Uma repreensão de um grande mentor da vida.

5

Mesmo longe, percebe as aflições do filho

A mãe de Shôzan⁸

Por que, mesmo distante, a mãe sente as aflições do filho?

Há cerca de mil anos, um monge chamado Shôzan habitava o monte Hiei e, sozinho, dedicava-se ao ascetismo. Um dia, percebeu estar praticamente sem provisões. Do lado de fora, a neve se acumulava.

— Não revelarei minha situação à mãe. Isso somente a deixaria aflita — decidiu.

8 Shôzan (?-990): monge budista da seita Tendai durante o período Heian (794-1185).

Dias depois, alguém apareceu.

— Senhor Shōzan? Venho da parte da senhora sua mãe — disse o homem, e entrou. Trazia consigo arroz e uma carta.

Não recebo mais notícias suas. Por quê? Estou preocupada, você está doente? Anda fazendo muito frio. Cuide-se.

As palavras transbordavam o amor da mãe, num zelo ainda maior que o habitual. Tomado por imensa alegria, Shōzan releu a carta muitas vezes.

Desculpando-se pelo incômodo que causara ao homem, o monge logo se pôs a cozinhar o arroz.

— É uma refeição modesta, mas, por favor, sirva-se — ofereceu.

Porém, *hashi* na mão, o homem nada fazia senão chorar.

— O que foi? — perguntou um confuso Shōzan.

— Sua mãe estava preocupada com o senhor. Ela queria lhe enviar arroz, mas não havia recursos, pois leva uma vida difícil. Ela tentou pedir dinheiro emprestado, em vão. Foi quando decidiu cortar os longos cabelos pretos e vendê-los. Assim, comprou o arroz. Cada grão está imerso no seu amor pelo senhor. Me sinto indigno de comê-lo.

Na carta, ela poupava-lhe dos detalhes.

— Buda diz que a dívida de gratidão aos pais é infinita como o céu. E eu, tolo, não tentei conhecer nem a milésima parte dessa dívida — disse Shōzan, entre lágrimas.

Todos os dias, passou a cozinhar do próprio arroz e a acrescentar um grão daquele enviado pela mãe. Assim, praticava a ascese e não esquecia a gratidão que lhe era devida.

6

Uma mãe não desiste

Tristeza de partir o coração

Há 1.700 anos, na China, um exército subia o rio Yangtzé com o objetivo de invadir o território de Shu. Montanhas íngremes perfilavam-se nas margens.

Um dos soldados apanhara um pequeno macaco. Percebendo o choro da cria, sua mãe acudiu correndo, porém ela já havia sido levada para dentro do barco.

Sem desistir, a macaca perseguiu a embarcação por toda a extensão do rio, os gritos de tristeza ecoando pelas montanhas. Ela seguiu o navio por centenas de quilômetros e, quando enfim alcançou o barco, seu corpo não resistiu e morreu. Ao abrirem seu ventre, os soldados encontraram os órgãos exauridos.

Qual a extensão do amor de uma mãe?

Huan Wen, general responsável pelo exército, inteirou-se do fato e ficou furioso, ordenando punição ao soldado que apanhou o pequeno macaco.

Eis a origem do termo “tristeza de partir o coração”.

Quantas vezes fizemos nossos pais se sentirem assim?

7

Alta e profunda

A carta de Yôzan Uesugi⁹

Quando pensamos em Yôzan Uesugi, nos lembramos do seu famoso aforismo:

Faça, e estará feito. Não faça, e não estará feito. Não foi feito, então ninguém o fez.

Yôzan incorporou esse espírito na reconstrução do feudo de Yonezawa quando este estava às vésperas da falência. Daimiô aos 15 anos, apregoava que as despesas jamais deveriam superar

9 Yôzan Uesugi (1751-1822): décimo daimiô do feudo de Yonezawa.

a renda. Ao herdar um feudo mergulhado em dívidas, não se permitiu luxo algum: ordenou que as refeições fossem frugais e que os tecidos de seda dessem lugar aos de algodão. O corte incluía reformas protocolares. Preocupados com a posição social — e os benefícios que esta lhes proporcionava —, os vassalos de alta patente fizeram severa oposição.

— Se as coisas continuarem como estão, estaremos arruinados — explicou Yōzan sem rodeios. Fazendo de si um exemplo, instituiu em cada súdito o hábito da moderação. Ao mesmo tempo, implementou novas indústrias e se empenhou em virar o jogo. Durante cinquenta e cinco anos, até a morte, Yōzan lutou e, ao final, as finanças do clã estavam irreconhecíveis — para melhor.

Os hábitos austeros se mantiveram até a era Meiji.

Certa vez, um grupo de jornalistas japoneses perguntou ao então presidente norte-americano John Kennedy¹⁰ que político nipônico mais respeitava. A resposta: Yōzan Uesugi. Kennedy se impressionara com seu espírito e vontade de transformar o impossível em possível.

Por ocasião do casamento da sua neta, Yōzan enviou-lhe um presente e uma carta.

A gratidão aos pais é mais alta que a montanha e mais profunda que o mar. Impossível corresponder-lhes tamanha bênção.

10 John F. Kennedy (1917-1963).

Porém, devemos nos esforçar ao máximo nos dedicando a eles e, na melhor das hipóteses, retribuir-lhes um milionésimo.

Existem diversas formas para tal, mas todas se resumem em respeitar e cuidar dos pais, sem esquecer jamais a dádiva que nos deram: a vida. Havendo sinceridade e devoção, os pequenos desentendimentos do dia a dia são logo esquecidos.

Esse foi o gentil conselho de Yōzan Uesugi. Como nas reformas do feudo, jamais esqueça as coisas simples e óbvias.

8

Os pais sofrem, mas ele não abre mão dos sonhos

*Toshishun*¹¹

Muitos conhecem *Toshishun*, obra-prima de Ryûnosuke Akutagawa¹², dos livros escolares. Porém, ao relermos o conto quando adultos, percebemos nuances ignoradas sobre a relação entre pais e filhos.



¹¹ Trata-se do nome japonês do protagonista. Na tradução, manteve-se o nome chinês Tu Tze-chun.

¹² Ryûnosuke Akutagawa (1892-1927).

O fato ocorreu no período Tang¹³. Sob o portão oeste da capital, jazia um rapaz miserável. Seu nome? Tu Tze-chun.

— Em que pensa, meu jovem? — perguntou um ancião que se aproximava.

— Penso que não tenho onde passar a noite.

— Ah, que lástima. Permita-me ajudá-lo.

Então, indicou a Tu Tze-chun um local cheio de ouro enterrado. Em um piscar de olhos, o jovem se tornara a pessoa mais rica das redondezas. Comprou uma mansão e se entregou a uma vida de luxos digna do imperador. As pessoas, que antes nem sequer lhe acenavam com a cabeça, agora viviam na sua casa aproveitando da sua riqueza. Dentre o *jet set* local, não havia quem deixasse de frequentar Tu Tze-chun — que, por sua vez, adorava a bajulação.

No entanto, o que vem fácil, vai fácil. Após três anos de ostentação, não lhe restou um centavo. As pessoas voltaram a ignorá-lo e, naquela vasta cidade, não havia quem lhe oferecesse um copo d'água.

O portão oeste voltou a abrigar um desnorteado Tu Tze-chun. Da mesma forma que outrora, o ancião apareceu e lhe apontou a localização de um tesouro. Novamente ele se tornara o homem mais rico da região e o desfecho foi o mesmo. Pela terceira vez, viu-se sob o portão oeste.

O ancião estava prestes a lhe mostrar mais ouro enterrado, mas Tu Tze-chun o conteve.

13 Tang (618-907): dinastia que consolidou a China.

— Chega. Minha paciência com as pessoas acabou. Bando de desalmados. Eu tinha dinheiro e ficavam ao meu redor como abelhas no mel. Perdi tudo e me tornei invisível. De que adianta enriquecer de novo? Você é um eremita, não é? Posso me tornar seu discípulo? — pediu ao velho.

Para a sua surpresa, o ancião aceitou sem pestanejar. A fim de refinar o espírito, rumaram ao monte Emei, onde o ermitão fez Tu Tze-chun sentar em uma rocha e ordenou:

— Demônios aparecerão e tentarão enganá-lo. Não lhes diga nada, nem uma palavra sequer. Diga uma palavra e jamais elevará seu espírito, entendeu? Céu e terra podem rasgar: permaneça mudo.

— Mesmo que eu perca a vida, permanecerei quieto como um túmulo — prometeu Tu Tze-chun.

Tigres e cobras e outros animais apareceram.

— Quem é você?! Responda, ou prepare-se para morrer — ameaçaram, mas Tu Tze-chun continuou calado. Assim, foi morto e jogado nas profundezas do inferno.

— Você estava sentado no topo do monte Emei, do *meu* monte Emei? — retumbou Yama, rei do inferno. Porém, o jovem nada replicou. Furioso, Yama submeteu-o a todas as torturas do mundo inferior, desde a Montanha das Espadas ao Vale das Labaredas. Ainda assim, a boca de Tu Tze-chun permanecia selada.

— Aposto que seus pais devem estar no purgatório. Tragam eles para cá! — ordenou aos demônios.

Em pouco tempo, dois magros cavalos foram levados à presença do rei do inferno. Ao olhá-los, Tu Tze-chun sentiu as

entranhas se retorcerem. Mesmo com traços equinos, pôde distinguir seus falecidos pais.

— O que fazia sentado no monte Emei? Confesse! Caso contrário, quem sofrerá serão eles.

Mesmo diante da ameaça, Tu Tze-chun não respondeu.

— Nunca vi pessoa tão desnaturada. Prefere ver o sofrimento dos pais a abrir mão dos sonhos. Comecem!

Com chicotes de ferro, os demônios vergastaram os cavalos sem piedade. Os açoites desciam como a chuva, cortando pele e carne. Os pais de Tu Tze-chun se contorciam e gritavam de dor. Dos seus olhos brotavam lágrimas de sangue.

— Então? Ainda permanecerá calado? — perguntou Yama. Os animais estavam com músculos dilacerados, ossos estilhaçados e respiração entrecortada. Disposto a cumprir a promessa feita ao ancião, Tu Tze-chun fechou os olhos com força.

Naquele instante, um arremedo de voz chegou aos seus ouvidos.

— Não se preocupe conosco, queremos apenas a sua felicidade, não importa o que o rei do inferno faça — sussurrou-lhe sua saudosa mãe.

Irrefletidamente, Tu Tze-chun abriu os olhos. Estirada sobre o solo, a mãe olhava fixamente para si. Mesmo diante de tamanhos flagelos, ela só pensava no filho, sem demonstrar raiva ou censura pela tortura que lhe fora aplicada. O quão profundo era esse amor, se comparado ao dos que lhe adularam na riqueza e lhe desprezaram na miséria?

Esquecendo o juramento, Tu Tze-chun correu até sua mãe e, entre lágrimas, gritou seu nome.

Como se despertasse de um sonho, o jovem se encontrou sob o portão oeste da capital banhada pelo sol poente.

— Se continuasse em silêncio, seria eu quem lhe tiraria a vida — disse o ancião com expressão solene.

Toshishun é realmente voltado para o público infantil? Quem já açoitou o coração dos pais com um chicote de ferro? Quem fechou os olhos enquanto os pais choravam em silêncio? Quem, além dos pais, suportaria os piores flagelos em prol da felicidade dos filhos?

“Desnaturado. Prefere ver o sofrimento dos pais a abrir mão dos sonhos.” A censura de Yama pode se estender a todos nós.



É necessário ter consciência da enorme dívida de gratidão com nossos pais. Não fosse pelo pai, não nasceríamos; não fosse pela mãe, quem nos criaria? Entre os sentimentos existentes, não há o que se compare ao amor maternal.

A gratidão devida aos pais é infinita como os céus.

Buda Sakyamuni

